



Cadernos de Aprendizados



 **Comunidade
Mobilizada**

Colheita e Organização:

Élice Botelho
Elisa Cardeal Mueller
Viviane Junta

Setembro 2024

Projeto

 **Comunidade
Mobilizada**

Realização

— *minha* —
CAMPINAS



Apoio

 **fundação
feac**



Elaboração e revisão do texto

Élice Botelho, Elisa Cardeal Mueller, Viviane Junta.

Diagramação

Patricia Karen @sinoxarts

Equipe Comunidade Mobilizada

Referência de Projeto: Élice Botelho

Educadoras: Élice Botelho e Viviane Junta

Caderno de Aprendizados: Elisa Cardeal Mueller

Referência Prestação de Contas: Juliana Patete

Financiamento:

Fundação FEAC

Direitos Autorais

A Minha Campinas estimula a livre circulação do conteúdo aqui publicado. Sempre que necessária a reprodução total ou parcial do material, solicitamos que o “Caderno de Aprendizados Comunidade Mobilizada” seja citado como fonte.



Esta obra está licenciada com uma Licença

[Creative Commons Atribuição-NãoComercia-Compartilhalqual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

SUMÁRIO

1. Introdução.....	5
2. Sobre a Minha Campinas	5
3. Sobre o Mobiliza Satélite	6
4. Sobre a FEAC	8
5. O projeto Comunidade Mobilizada.....	8
6. Metodologia Comunidade Mobilizada	10
A. Equipe do Projeto	10
B. Dos Encontros de Formação Presenciais e Online	12
C. Trilha Comunidade Mobilizada e Programação dos Encontros	12
<i>I. Educação Popular</i>	<i>13</i>
<i>II. Narrativa Autobiográfica</i>	<i>15</i>
<i>III. Autogestão</i>	<i>16</i>
<i>IV. Letramento de gênero, raça e classe sociais</i>	<i>18</i>
<i>IV. Comunicação Não Violenta</i>	<i>20</i>
<i>VI. Mobilização popular para incidência em políticas públicas.....</i>	<i>22</i>
D. Formas de Avaliação e Acompanhamento do Projeto.....	23
<i>I. Modelo - Avaliação encontros presenciais</i>	<i>24</i>
<i>II. Modelo - Avaliação encontros on-line.....</i>	<i>25</i>
<i>III. Formulário Linha de base</i>	<i>26</i>
7. Aprendizados do Comunidade Mobilizada	29
A. Planejamento Inicial	29
B. Participação nos encontros.....	30
C. Autogestão e Tomadas de Decisão.....	31
D. Fortalecimento de Redes: visitas a coletivos e discussões sobre raça, gênero e classe	33
E. CNV - Comunicação não violenta.....	34
F. Reflexões sobre o papel da assessoria.....	35
G. Desafios da Mobilização Territorial e as Diferenças entre organizações	36
H. Conclusão.....	37
8. Referências	38

1. Introdução

Aprendemos ao fazer e dizem que, ao ensinar, aprendemos ainda mais. Escrever sobre nossas práticas pode nos ensinar mais um tanto. Este caderno aborda o projeto “Comunidade Mobilizada”, realizado pela Minha Campinas de outubro de 2023 a setembro de 2024, com o apoio da Fundação FEAC. O projeto combina atividades de formação e assessoria em mobilização popular junto ao Mobiliza Satélite, um coletivo originado do programa LiderAção — uma iniciativa de formação de lideranças em mobilização social realizada pela Minha Campinas em 2021, também com o apoio da Fundação FEAC.

O objetivo deste caderno é apresentar a metodologia do “Comunidade Mobilizada” desenvolvida pela Minha Campinas e os aprendizados adquiridos pela equipe durante a implementação do projeto. O caderno está estruturado em seções: uma dedicada à metodologia do projeto e outra aos aprendizados que a Minha Campinas identificou dessa experiência.

Os aprendizados do projeto foram sistematizados a partir das observações e avaliações realizadas pela equipe da Minha Campinas após cada encontro. Também foram aplicados questionários de avaliação e conduzidas entrevistas individuais com os participantes.

Espera-se que este material sirva de apoio para futuras assessorias em mobilização social, tanto pela Minha Campinas quanto por outros grupos que promovem a participação popular.

2. Sobre a Minha Campinas

A Minha Campinas é uma associação que promove a participação democrática em Campinas, São Paulo, desde 2015. A organização nasceu da transformação do CDI Campinas - Comitê para Democratização da Informática, que entre 2000 e 2014 atuou para promover a inclusão digital de mais de 44 mil pessoas, em parceria com mais de 120 ONGs de Campinas e região. Em 2015, o CDI Campinas se tornou Minha Campinas, com o redirecionamento da missão para transformar Campinas em uma cidade mais sustentável, compartilhada e participativa. A Minha Campinas incentiva a participação popular nas tomadas de decisão através de tecnologias sociais e digitais.

A organização valoriza o conhecimento e as escolhas daqueles que se mobilizam, promovendo diálogo e respeito mútuo. Com mais de 20 mil pessoas mobilizadas através das 65 campanhas de mobilização realizadas desde 2015 e 68 pessoas participantes dos projetos de educação política desde 2020,

a Minha Campinas aproxima os cidadãos das decisões de interesse público.

A organização compartilha sua metodologia de mobilização social para capacitar pessoas e grupos a reivindicarem direitos e influenciarem politicamente, promovendo a participação e o diálogo com o poder público. Reconhecida por suas boas práticas de governança, a Minha Campinas foi eleita uma das 100 Melhores ONGs do Brasil em 2018 e uma das 10 Melhores ONGs de Pequeno Porte do Brasil em 2020. Além disso, possui certificações como o CEBAS e isenção do ITCMD, destacando sua conformidade técnica e legal.

3. Sobre o Mobiliza Satélite

Fundado em junho de 2021 com o objetivo de levantar as demandas do bairro Satélite Íris e região e, de forma planejada, buscar as devidas soluções, o coletivo visa criar engajamento com a comunidade por meio da divulgação de ações e atividades desenvolvidas na região Noroeste, às quais toda Campinas e o mundo poderão ter acesso.

Ações Desenvolvidas

Levantamento de informações e demandas do território, como cursos profissionalizantes, vagas

de emprego, atividades culturais, serviços públicos e privados da região. De forma organizada e planejada, articula ações e atividades para solucionar as demandas levantadas, junto ao poder público. Esse levantamento, atividades e ações são realizados de forma voluntária.

Problema e Justificativa

Atualmente, a Internet é essencial para a vida em sociedade, como visto pela recente digitalização de serviços públicos no Brasil e de leis que integram a transformação digital como estratégia nacional para o País, como a recente Lei de Governo Digital – Lei no 14.129 de 2021. Identificamos que muitos moradores não conhecem as ações que estão sendo desenvolvidas em seu território, como por exemplo cursos de música, teatro, capacitação profissional gratuitas, etc., pois essas informações nem sempre têm um grande alcance na região em questão. Com isso, quem precisar de uma informação ou serviço do bairro e adjacência, com apenas alguns cliques terá o que procura.

Missão

Levantar e articular as demandas do bairro Satélite Íris.

Visão

Disponibilizar às pessoas informações das ações, atividades e ser-

viços disponibilizados no território, a qualquer momento, em qualquer local e em qualquer dispositivo.

Valores:

Integridade; Honestidade; Abertura; Respeito; Vontade de Abraçar Grandes Desafios; Atitude Crítica; Responsabilidade; Paixão pelo coletivo; Inspiradores; Parceiros.

Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)

5. Igualdade de gênero - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

10. Redução das desigualdades - Reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles;

11. Cidades e comunidades sustentáveis - Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

17. Parcerias e meios de implementação - Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a

parceria global para o desenvolvimento sustentável.



— minha —
CAMPINAS



Mais informações, podem ser acessadas na rede social do Instagram:
<https://www.instagram.com/mobilizasatelite/>

4. Sobre a FEAC

A Fundação FEAC é uma organização independente em Campinas, que visa criar uma sociedade mais justa e sustentável, com igualdade de oportunidades. Investe em educação, assistência social e promoção humana, com foco em regiões e populações vulneráveis, especialmente crianças e adolescentes, e apoia organizações da sociedade civil, empresas e pessoas para causas sociais. Financia projetos próprios e de outras organizações que se alinhem com seus objetivos, utilizando recursos próprios e parcerias institucionais. Conta com uma estrutura de governança robusta, incluindo Conselho Curador, Diretoria Executiva e profissionais especializados em duas superintendências.

5. O projeto Comunidade Mobilizada

O projeto Comunidade Mobilizada ofereceu uma assessoria-formação ao coletivo Mobiliza Satélite, com o objetivo de fortalecer sua capacidade de autogestão e mobilização popular, visando impulsionar mudanças sociais no território do Campo Grande, em especial no bairro Satélite Iris e entorno, em Campinas.

O programa foi conduzido ao longo de 10 meses, com um total de 66 horas de assessoria-formação, distribuídas em 12 encontros presenciais de 4 horas e 9 encontros virtuais de 2 horas. Iniciamos com a apresentação e discussão de práticas de autogestão para reforçar as estruturas organizacionais e os processos de tomada de decisão. Em seguida, abordamos temas como raça, gênero e classe, complementados por visitas a outros coletivos da cidade. Após essas discussões, revisitaram-se os conceitos

de autogestão e abordamos a Comunicação Não Violenta, culminando na consolidação dos elementos de mobilização social utilizados pelo coletivo para a elaboração da sua Cartilha de Mobilização Social.

Em seguida, abordamos temas como raça, gênero e classe, complementados por visitas a outros coletivos da cidade. Após essas discussões, revisitaram-se os conceitos de autogestão e abordamos a Comunicação Não Violenta, culminando na consolidação dos elementos de mobilização social utilizados pelo coletivo para a elaboração da sua Cartilha de Mobilização Social.

O desenho geral do projeto foi construído a partir de encontros de ideiação entre o coletivo Mobiliza Satélite, a Minha Campinas e a investidora social FEAC. Dessa forma, tanto o conteúdo quanto a estrutura do projeto foram alinhados previamente com o coletivo, e ajustes foram realizados ao longo do programa de acordo com as necessidades identificadas no diálogo constante com os participantes.

Além disso, um grupo no WhatsApp foi criado para facilitar a comunicação entre os membros do coletivo Mobiliza Satélite e a equipe da Minha Campinas. Esse grupo foi essencial para promover o engajamento e a aproximação entre os participantes, com informações sobre locais e datas dos encontros, conteúdo a ser abordado, entre outros avisos.

Os resultados esperados do projeto incluíram a criação de um regimento interno com os principais acordos do coletivo, a definição de responsabilidades entre os membros através da criação de papéis, e a elaboração de uma Cartilha de Mobilização Social.

Para apoiar as ações de mobilização do coletivo, foi disponibilizado um Fundo Semente de R\$ 9.500,00 diretamente ao Mobiliza Satélite. Ao final do projeto, realizou-se um evento para celebrar as conquistas, reunindo os participantes do coletivo e a equipe do projeto.



6. Metodologia Comunidade Mobilizada

A. Equipe do Projeto

A Minha Campinas possui uma governança baseada na autogestão, na qual as pessoas energizam papéis que compõem a execução do projeto. Os papéis relacionados ao Comunidade Mobilizada para desenvolvimento da assessoria-formação foram:

Nome do papel	Resumo	Responsabilidades
Referências de Projeto	Projetos executados com qualidade e conforme o planejamento	<ul style="list-style-type: none">- Preencher relatórios dos projetos- Acompanhar cronograma de execução do projeto- Acompanhar execução orçamentária do projeto- Acompanhar execução de objetivos e metas do projeto- Cuidar do relacionamento com instituição parceira do projeto- Orientar o responsável para orçamentos, compras e pagamentos
Educadora de Mobilização Social	Facilitar formação para potencializar a mobilização social	<ul style="list-style-type: none">- Estudar temas pertinentes para facilitar a formação- Planejar e programar processos de formação- Preparar e facilitar encontros de formação- Registrar encontros e processos de formação- Acompanhar grupo em formação (envio e recebimento de atividades)- Estudar sobre causas dos projetos dos grupos em formação- Brifar e validar materiais da comunicação- Apoiar nas ações da referência (relatório, e ideação)

<p>Caderno de Aprendizados Comunidade Mobilizada</p>	<p>Elaborar o conteúdo do Caderno de Aprendizados do Comunidade Mobilizada</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Participar dos encontros do Comunidade Mobilizada - Apresentar versão preliminar do caderno até o final do 1o ciclo - Entregar versão final, até o final do 2o Ciclo - Realizar contato com profissional para Designer com o Caderno
<p>Referência Prestação de Contas Comunidade Mobilizada</p>	<p>Gestão das movimentações financeiras e prestação de contas, conforme orçamento aprovado com o investidor social</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Abrir conta do projeto - Criar a estrutura de organização de documentos e planilhas - Realizar pagamentos e movimentações financeiras - Acompanhar investimentos - Lançar e acompanhar a planilha financeira - Submeter prestação de contas no sistema do investidor social e acompanhar retornos - Orientar e acompanhar a pessoa de apoio da prestação - Solicitar as readequações orçamentárias - Realizar análise financeira do projeto
<p>Apoio administrativo/financeiro/ infra</p>	<p>Atividades administrativas e financeiras do projeto dentro do prazo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Cotar e realizar as compras do projeto - Lançar documentos do projeto no sistema do investidor social

B. Dos Encontros de Formação Presenciais e Online

O projeto foi estruturado com uma metodologia que incluía encontros presenciais e online, intercalados a cada 15 dias. Essa frequência foi estabelecida a partir de uma solicitação do Coletivo, que optou pela quinzenalidade devido ao compromisso dos participantes com seus trabalhos. No entanto, a dinâmica do grupo em relação às suas mobilizações impactaram essa periodicidade, levando ao reagendamento de alguns encontros. Assim, ao final do projeto, a frequência aumentou para encontros semanais, a fim de atender ao cronograma

Ao todo, foram realizados 12 encontros presenciais, aos sábados, e 9 encontros online, realizados durante a semana à noite. Nos encontros presenciais, oferecemos café da manhã para os participantes, entendendo que a alimentação é algo que une as pessoas e que garante a participação por um maior período de tempo. Um notebook também foi disponibilizado para o Coletivo, para apoiar no acompanhamento do Fundo Semente.

Além disso, fizemos visitas a locais como a OMG Cultural e a Casa de Cultura Tainã, e realizamos encontros virtuais com uma ativista da Casa de Cultura Fazenda Roseira e outra da Comunidade Nelson Mandela, um movimento de luta por moradia popular.

C. Trilha Comunidade Mobilizada e Programação dos Encontros

Para compor a programação dos 21 encontros do projeto, a equipe da Minha Campinas iniciou o processo ouvindo as necessidades do coletivo. Com base nesses diálogos, foi elaborado o documento “Trilha do Comunidade Mobilizada”, que contém os referenciais teóricos e práticos para a construção da programação dos encontros. O Coletivo participou ativamente da criação da programação, contribuindo para a divisão dos temas entre as sessões após a apresentação geral dos conteúdos propostos pela “Trilha”. Em relação ao cronograma dos encontros, o Coletivo solicitou um período de férias no mês de julho, que foi incorporado ao planejamento.

Inicialmente, estava previsto que o projeto começasse abordando os temas de raça, gênero e classe. No entanto, o Coletivo manifestou a necessidade de focar em questões relacionadas à sua gestão. Diante desse retorno e levando em consideração a realidade do grupo, a programação

foi ajustada para iniciar com o conteúdo sobre autogestão, seguido pelos temas originalmente planejados.

Reconhecemos que, ao longo do processo formativo, não seria possível abordar todos os temas em detalhe e profundidade. No entanto, todos foram trabalhados em alguma medida, adaptados ao avanço do Coletivo durante o projeto.

Assim, a elaboração da Trilha do Comunidade Mobilizada foi essencial para orientar a equipe e direcionar o desenvolvimento do projeto ao longo de sua execução.

Abaixo, segue uma breve descrição de cada tema abordado na trilha, a saber:

- **Educação Popular**
- **Letramento de gênero, raça e classe**
- **Narrativa Autobiográfica**
- **Autogestão**
- **Comunicação Não Violenta (CNV)**
- **Mobilização popular para incidência em políticas públicas**

I. Educação popular

Nossa principal referência em Educação Popular é Paulo Freire, com a perspectiva que se coloca em oposição à educação bancária, isto é, a pessoa educadora tem consciência do inacabamento humano, do nosso processo contínuo de aprender, e de que todas as pessoas trazem um conhecimento, sem que haja um saber maior e menor. Entendemos a importância da construção coletiva e que nela aprendemos e ensinamos.

É uma educação com o povo e para o povo, que questiona o status quo e pretende contribuir para um ideal humano emancipatório, muito diferente da educação bancária que busca conformar pessoas a uma realidade, adaptando-as. É parte essencial o incentivo à criticidade, ao modo de pergunta, e não assumir uma realidade como dada, e também não se colocar no lugar de detentora de todo conhecimento.

Assim, entendemos que a pessoa educadora pode estabelecer alguns compromissos com a humildade, a ética, o povo, a curiosidade, o conheci-

mento e a pesquisa, além de um forte compromisso com a esperança e a convicção de que a mudança é possível.

É preciso elucidar que a pessoa educadora tem no processo a responsabilidade de trazer elementos que dêem algum norte para o processo educativo, e que dentre esse norte está o compartilhamento do poder aprender e ensinar.

A educação popular busca fortalecer as pessoas, envolvê-las, animá-las e convidá-las para lutar contra as desigualdades, por um outro mundo. Neste sentido, uma experiência popular é eficaz:

- **Quando anima e apaixona as pessoas, resgatando sua identidade e dignidade (autoestima) – e a postura de protagonista, gente capaz de andar com os próprios pés.**
- **Quando aumenta o grau de consciência e de apropriação dos conteúdos e do método.**
- **Quando capacita, política e tecnicamente, para atuar sobre realidade através da experimentação direta e permanente.**

No âmbito da realização de um projeto, no qual as pessoas participantes são pessoas que voluntariamente estão despendendo tempo e recursos num processo formativo, visando a ação mobilizadora na comunidade, o projeto Comunidade Mobilizada teve por compromisso:

- **Cuidar que as atividades propostas estejam em acordo com o desejo/vontade e disponibilidade das pessoas. Isto é, não pressionamos por realizar o que não desejam fazer.**
- **Ser bastante transparente com nosso objetivo enquanto organização executora do projeto, dando transparência para os processos que envolvem as parcerias.**
- **Trazer para o coletivo assessorado, Mobiliza Satélite, e para a Minha Campinas, a reflexão sobre os papéis das pessoas e dos objetivos de cada uma no coletivo, buscando reforçar o sentido do coletivo, e que o projeto, como um todo, é para fortalecer a comunidade.**
- **Cuidar para não trazer respostas prontas, incentivando com perguntas a construção de conhecimento e soluções.**
- **Trabalhar a partir dos temas geradores trazidos pelo grupo, em conexão direta com sua realidade.**

II. Narrativa Autobiográfica

A narrativa autobiográfica propõe um caminho de construção de conhecimento onde a pessoa sujeita do processo - no nosso caso, os participantes do Coletivo Mobiliza Satélite - são incentivadas a assumirem o protagonismo do processo através da contação para si e para as outras pessoas de sua própria história. Buscou-se nos espaços de chegada dos encontros promover esse momento, quando foi possível.

A intenção é que o conhecimento seja construído de forma significativa, permeado pela subjetividade e pelo sentido que cada pessoa lhe atribui. Espera-se que, ao refletirem profundamente sobre si e sobre sua prática, os participantes se mantenham conectados ao seu horizonte emancipatório, mesmo diante de atravessamentos diversos.

A mobilização popular no território, embora propicie um olhar apurado para identificar as demandas, também traz uma proximidade das relações sociais e políticas que pode ser desafiadora. Essa proximidade se manifesta, por exemplo, em altas demandas de resolução por parte da comunidade, a necessidade de lidar com diferentes perfis de pessoas e a falta de privacidade em determinados momentos. A acessibilidade do grupo por parte da comunidade, que inclui a visita à casa dos membros, exige uma constante atenção à dinâmica das relações e à manutenção de limites.

Nesse sentido, dar voz às histórias das pessoas durante os encontros pode ajudar a resgatar seu percurso até ali, ressignificando sua atuação frente à história das lutas que já foram realizadas por elas.

Durante os encontros com outros coletivos da cidade, que compartilharam suas experiências com mobilização social, o grupo Mobiliza Satélite teve a oportunidade de refletir sobre sua própria história. A escuta das experiências dos outros coletivos permitiu que o Mobiliza Satélite identificasse desafios mais sutis que impactam sua atuação no território. Esses desafios foram revelados durante momentos de troca e através da partilha de histórias.

A prática da narrativa autobiográfica foi utilizada como uma forma de empoderar o sujeito narrador, tornando-o protagonista de sua própria história. Uma história que, de modo geral, é silenciada, em parte devido ao distanciamento entre o saber cotidiano e o conhecimento científico e acadêmico.

Nas visitas a outros coletivos, quando escutamos suas histórias de mobilizações, lutas por igualdade social, racial, direitos como moradia, dentre outras, temos a oportunidade de conectarmos à nossa história pessoal,

podendo reconhecê-la e articulá-la com a história das pessoas à nossa volta, do nosso território próximo, de nosso país, conseguindo criar sentido coletivo para o que poderia parecer uma experiência puramente individual.

Trabalhar com a narrativa autobiográfica também é trazer como uma marca muito forte a cultura de memória, conseguir delimitar a importância de (re)conhecer a própria história como estratégia essencial para avançarmos coletivamente. É preciso saber de onde viemos para entender onde estamos e para onde vamos.

Na metodologia da assessoria a narrativa autobiográfica foi um processo transversal para a construção de conhecimento e prática do coletivo. Durante os encontros os participantes relataram diversas histórias pessoais, que construíram seu percurso em direção a estar num coletivo de mobilização social.

Entendemos que os encontros, em especial os presenciais, proporcionaram um amplo espaço de exercício da narrativa autobiográfica.

III. Autogestão

Autogestão é um modelo de governança em que um grupo define seus próprios objetivos, funcionamento, planejamento e execução de ações, sem depender de uma estrutura hierárquica tradicional. Essa prática contrapõe a cadeia de comando, visto que as pessoas têm compreensão e autonomia do trabalho a ser feito, não dependendo de um comando. Sendo assim, ao invés de cargos hierárquicos, como gerentes e diretores, todos os membros do grupo possuem a mesma autoridade e poder de decisão.

Nesse modelo, a participação e o diálogo são fundamentais. As pessoas discutem abertamente sobre a distribuição da autoridade, criando um espaço seguro para compartilhar inquietações e incômodos. Há um compartilhamento de recursos, incluindo financeiros, materiais, informações, compreensão sobre o grupo e sua cultura.

Ainda que todas as pessoas tenham o poder de decidir, para garantir eficiência e liberdade, são organizadas formas para divisão do trabalho e processos de tomada de decisão que garantam a autonomia individual, onde cada pessoa executa a atividade pela qual está responsável e toma decisões autonomamente, desde que não firam os combinados já existentes.

O projeto Comunidade Mobilizada teve como objetivo apresentar, de forma conceitual e prática, elementos da autogestão, como: a definição de papéis entre os participantes, a metodologia para facilitação de reuniões,

a criação de meta-acordos e a utilização de documentos para registrar os combinados. Por meio de encontros com esses conteúdos, o grupo também teve a oportunidade de rever sua própria forma de organização.

As práticas de autogestão vivenciadas pela Minha Campinas e propostas neste projeto têm por base o método Organização Orgânica, desenvolvido pela Target Teal. A autogestão é vivenciada de diferentes formas por diversas organizações, sendo importante destacarmos de onde estamos falando.

Transversalmente, durante a assessoria, a equipe do projeto também buscou:

- **Ter em mente o pedido de que os participantes do Comunidade Mobilizada sejam parceiros e não apenas beneficiários, e, a partir disso, pensar no desenvolvimento do projeto, mantendo sempre uma postura de transparência e construção coletiva.**
- **Abrir espaço de avaliação contínua de sugestões para encontros, cronograma, lanches, grupos e coletivos a serem visitados.**
- **Evitar a concentração ou direcionamento das decisões, para promover certa equanimidade nas contribuições do grupo, fortalecendo o pertencimento.**



IV. Letramento de gênero, raça e classe sociais

No processo de organização popular, é importante abordar e questionar as questões relacionadas a essas três dimensões de identidade e poder social. Para tal, é necessário o desenvolvimento da criticidade para reconhecer e combater o racismo, o sexismo e as disparidades de classe, promovendo a inclusão, a equidade e a justiça social.

Apropriado pela estrutura desigual da nossa sociedade que utiliza das diferenças para gerar exploração, o debate de gênero, raça e classe está diretamente ligados ao debate de mobilização e organização popular, sendo estes recortes fundamentais para entender quais sempre foram os atores sociais que impulsionaram processos históricos que garantiram melhorias sociais, justamente por serem os principais atingidos pelo processo de exploração e opressão.

O projeto trabalhou esses temas nas visitas a coletivos. Isso ainda foi importante para o próprio fortalecimento da atuação da Minha Campinas, que também tem se apropriado dessas discussões internamente por meio da escuta de lideranças históricas do movimento negro, feminista e da luta por moradia popular em Campinas.

Foi oferecido ao Mobiliza Satélite que sugerisse coletivos para serem visitados/conhecidos, contudo, eles responderam que poderíamos trazer sugestões.

Os coletivos que foram visitados foram:

Casa de Cultura Fazenda Roseira - reunião online com a ativista Vanessa Dias. A Casa de Cultura Fazenda Roseira é uma conquista do movimento negro e do movimento popular, sendo uma referência agregadora da cultura afro-brasileira dentro da cidade de Campinas. Trata-se de um casarão do final do século XIX que se tornou um equipamento público em 2007 por conta do loteamento da área da antiga Fazenda e que, à beira da destruição e depredação, foi ocupada pela Comunidade Jongo Dito Ribeiro e outros grupos, movimentos sociais e religiosos de matrizes africanas que já organizavam-se em rede. Em 2016 a Comunidade Jongo Dito Ribeiro conquistou o direito de uso do espaço firmando uma parceria público-privada, sendo o único patrimônio cultural imaterial que resguarda um patrimônio material no Brasil. Mais informações:

<https://comunidadejongoditoribeiro.wordpress.com/casa-de-cultura-fazenda-roseira/>

Centro de Referência Quilombo Urbano OMG - visita presencial com presença de Fuluke e Magali Mendes, ativistas do coletivo. Situado no bairro Jardim Monte Cristo, em Campinas. Fundado em 2014, o Centro nasceu do encontro de jovens, mulheres e crianças das ocupações urbanas Oziel, Monte Cristo e Gleba B. O Centro de Referência oferece atividades abertas aos bairros da região do Parque Oziel. As atividades incluem cursos de empreendedorismo, fotografia, gravadora de música, além da Agência Mandinga de Favela, uma agência de comunicação gerida por jovens. O grupo Promotoras Legais Públicas Cida da Terra realiza reuniões mensais no espaço e, ocasionalmente, oferece cursos na área. Integrados à rede de projetos sociais da cidade, o Centro promove uma rica articulação com movimentos culturais, incentivando atividades conjuntas e acessíveis ao público.

Maiores informações: <https://www.instagram.com/omgcultural/>

Casa de Cultura Tainã - visita presencial com presença de Tc Silva e outros ativistas do coletivo. A Casa de Cultura Tainã, fundada em 1989 por moradores da Vila Castelo Branco em Campinas, é uma entidade cultural e social sem fins lucrativos que está localizada na Vila Padre Manoel da Nóbrega. Sua missão é facilitar o acesso à informação e fortalecer a cidadania

e a identidade cultural, contribuindo para a formação de indivíduos conscientes e engajados na comunidade. Atuando como uma importante referência cultural em uma região marcada pela carência de políticas sociais, a Casa atende cerca de 450 crianças e adolescentes mensalmente, além de alcançar 1.350 pessoas indiretamente com suas atividades. Seu impacto se estende a uma área que abrange aproximadamente 50.000 habitantes em vilas populares, servindo como um pilar de apoio para a grande população negra do município de Campinas.

Maiores informações: <https://taina.net.br/>

Mandela Resiste - reunião online com a ativista Thamy do Mandela. O movimento Mandela Resiste representa a luta da ocupação Nelson Mandela, iniciada em 2016 por 600 famílias no Jardim Capivari. Após uma reintegração de posse em 2017, cerca de 2,4 mil pessoas foram removidas e, em 2019, um acordo permitiu a permanência de cerca de 100 famílias por mais um ano. Em 2023, o loteamento residencial Nelson Mandela foi construído no DIC 5, no distrito do Ouro Verde, em Campinas, numa propriedade pública sem uso social. A Ocupação Nelson Mandela surgiu devido à especulação imobiliária e à falta de acesso à moradia, exacerbadas pela crise econômica e política no Brasil, que

afeta principalmente a população negra e pobre. Ela simboliza o direito à moradia para muitos trabalhadores, mitigando altos custos de aluguel e a periferização. Além disso, a ocupação usa sua organização política para pressionar o poder público em busca de habitação adequada para as famílias.

Maiores informações: <https://www.instagram.com/mandelaresiste/>

IV. CNV - Comunicação Não Violenta

A Comunicação Não Violenta (CNV), desenvolvida por Marshall Rosenberg, é uma forma de ver o mundo, uma outra maneira de se relacionar com nós mesmos, com as outras pessoas e com tudo o que está à nossa volta, nos perguntando sempre se os espaços e o sistema em que a gente vive buscam atender as necessidades de TODAS as pessoas. A CNV oferece um conjunto de quatro elementos para promover empatia e autenticidade:

1. Observar: Reconhecer a diferença entre percepção e análise pessoal, entendendo que nossa interpretação dos eventos é influenciada por nossas próprias verdades, não representando a verdade absoluta. O convite

da CNV é nos focarmos nos fatos, para além dos nossos julgamentos.

2. Sentir: Conectar-se com os próprios sentimentos e os dos outros, percebendo que são mensageiros de nossas necessidades internas. Entender que enquanto os pensamentos geram sentimentos, as pessoas são estímulos, não causas, para o que sentimos.
3. Identificar Necessidades: Focar nas necessidades humanas universais, como segurança e liberdade, entendendo que embora todas as pessoas compartilhem das mesmas necessidades, as estratégias para atendê-las variam. Isso abre oportunidades para soluções criativas em vez de se agarrar a estratégias específicas.
4. Fazer Escolhas: Compreender que, consciente ou inconscientemente, estamos o tempo todo fazendo escolhas para atender nossas necessidades. A CNV nos convida a reconhecermos o poder e responsabilidade que existe nisso. Quando a escolha para atender uma necessidade envolve uma outra pessoa, a CNV sugere que façamos pedidos claros e objetivos, reconhecendo que não são exigências, pois são valores importantes para a CNV a autonomia e a confiança de que desejamos contribuir uns com a vida dos outros.

A prática da CNV convida à conexão compassiva com nossos sentimentos e necessidades, e convida ao mesmo olhar para os outros, reconhecendo a humanidade comum. Essa abordagem pode transformar relações em diversos contextos, facilitando a resolução empática de conflitos.

Em uma sociedade marcada por opressões e desigualdades, é essencial promover diálogos que compartilhem poder e deem voz a todas as pessoas, mantendo uma comunicação que acolhe a diversidade e busca soluções coletivas. Empatia e autenticidade, mesmo em face de desafios, podem abrir caminhos para uma convivência mais harmoniosa.

Na mediação de conflitos

A CNV traz outro jeito de pensar conflitos e cuidar deles, entende que conflitos são uma ótima oportunidade para atualizarmos as relações e organizá-las de modo que ela atenda todas as pessoas, pois são uma oportunidade de nos conectarmos mais e cuidar do que é vivo e importante para cada pessoa.

Na CNV, não buscamos encontrar um culpado e puni-lo, mas sim compreender como, numa situação específica, uma pessoa pode ser estímulo para o sofrimento de outra e como juntos, as pessoas diretamente envolvidas e a comunidade, conseguimos cuidar de quem está ferida naquele momento, legitimar sua dor, sem demonizar a outra pessoa, que tem a oportunidade de assumir sua responsabilidade na situação e buscar reparar os danos para a pessoa e comunidade.

Ações:

- Em caso de conflito, buscar ouvir e incentivar que o grupo escute com atenção e compassividade a si mesmo e às outras pessoas.
- Mediar as conversas para chegarmos às necessidades presentes e pensarmos coletivamente como cuidar.
- Dar atenção para casos mais delicados que possam demandar um cuidado à parte do encontro.
- Dar atenção para as diferentes relações de poder de gênero, raça/etnia, etária, de conhecimento, de poder político, entre outras, que podem gerar empecilho para estabelecimento de um diálogo autêntico e empático.

Na metodologia da assessoria, o objetivo foi apresentar conceitualmente e na prática o que é a CNV, trazendo uma experiência mais empática e autêntica das relações, que busque atender às necessidades das pessoas.

Durante um dos encontros sobre CNV, apresentamos os conceitos básicos e convidamos os participantes a refletirem sobre um conflito pessoal. O objetivo era identificar seus próprios sentimentos e necessidades, assim como os da outra pessoa envolvida. Em vez de compartilhar as histórias específicas, eles foram incentivados a trazer ao grupo suas reflexões sobre como se sentiam após essa análise, com ênfase nos sentimentos e necessidades do outro.

VI. Mobilização popular para incidência em políticas públicas

As políticas públicas são a própria razão de ser do poder público, que é fundado pela existência de leis e funciona para sua criação e implementação. E, por sua vez, as leis acompanham o contexto político, econômico e social de determinado contexto histórico. Diversas leis foram pautadas pelo movimento popular organizado para garantir condições básicas de vida a partir da sua realidade concreta.

A mobilização social é inerente à vida política e indissociável da organização coletiva e da articulação entre diferentes atores. Historicamente, a construção do Brasil se deu por meio da organização e da mobilização de grupos marginalizados na luta por direitos fundamentais, como liberdade, saúde e educação. No entanto, a disputa pelo controle da política institucional, na qual os governantes detêm maior poder econômico e social, torna imprescindível a organização, a articulação e a mobilização da população para que seus interesses sejam considerados e efetivados por meio da aprovação e implementação de políticas públicas.

O processo de mobilização garante força política, representatividade e move estruturas sociais, avançando com a consciência coletiva da sociedade sobre seus direitos. Como diria Chico Science, “um passo à frente e já não estamos mais no mesmo lugar”.

Na metodologia da assessoria, o objetivo foi reforçar constantemente o aspecto coletivo da luta popular e a importância para garantir transformações estruturais na sociedade. Aspectos de classe, gênero e raça estão intrinsecamente ligados com os processos de mobilização da história do Brasil e devem ser parte da discussão sobre mobilização, fortalecendo a identidade de grupo social e o sentimento de solidariedade.

Aspectos de classe, gênero e raça estão intrinsecamente ligados com os processos de mobilização da história do Brasil, e devem ser parte da discussão sobre mobilização, fortalecendo a identidade de grupo social e o sentimento de solidariedade.

No compromisso com o grupo atendido:

- Sempre ressaltar a importância da organização coletiva e do amplo envolvimento da comunidade em ações.
- Sempre que possível, retomar processos políticos históricos para armar as pessoas de informações e conhecimento.
- Gerar emancipação e consciência cidadã. Educar a população para a transformação social (dialogando com educação popular e letramento).

Ações:

- Aprofundar a consciência sobre si dentro de um contexto social maior e mais complexo.
- Apresentar organizações políticas que tragam esses elementos e que tenham alguma identidade com o Mobiliza.
- Trazer reflexões sobre transformações estruturais da sociedade.

D. Formas de Avaliação e Acompanhamento do Projeto

Para acompanhar a avaliação do projeto pelos participantes, foram desenvolvidos três formulários:

- A. Avaliação encontros presenciais
- B. Avaliação encontros online - inclui as perguntas dos encontros presenciais, mais perguntas relativas ao ambiente virtual.
- C. Pesquisa - Linha de Base: aplicado no começo, meio e fim do projeto, para acompanhar a impressão do coletivo sobre os principais temas propostos pelo projeto.

Abaixo apresentamos o conteúdo dos formulários criados

I. Modelo - Avaliação encontros presenciais

1. Qual foi a utilidade do conteúdo apresentado para o Mobiliza Satélite?

- Extremamente útil
- Muito útil
- Não tão útil
- Relativamente útil
- Nada útil

2. Minha opinião foi ouvida e respeitada.

- Concordo plenamente
- Concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo totalmente

3. Como está a sua motivação para os próximos encontros?

- Muito motivado(a)
- Parcialmente motivado(a)
- Nem motivado(a), nem desmotivado(a)
- Parcialmente motivado(a)
- Muito desmotivado(a)

4. Qual a sua satisfação com o encontro de hoje?

- Muito satisfeito(a)
- Parcialmente satisfeito(a)
- Nem satisfeito, nem insatisfeito(a)
- Parcialmente insatisfeito(a)
- Muito insatisfeito(a)

5. Por que valeu a pena estar aqui?

6. O quê faltou para o encontro de hoje ser perfeito?

7. Como você se sentiu respondendo a essa avaliação?

- Muito satisfeito(a)
- Parcialmente satisfeito(a)
- Nem satisfeito, nem insatisfeito(a)

- Parcialmente satisfeito(a)
- Nem satisfeito, nem insatisfeito(a)

II. Modelo - Avaliação encontros online

Se inicia com as perguntas abaixo e depois, inclui a perguntas dos Encontros Presenciais:

1. Como você acompanhou nosso Encontro hoje?

- Do celular
- Do computador
- Do notebook
- Outros

2. O que você mais valorizou durante o encontro online que acabou de participar?

- Acessibilidade: Percebi que o encontro foi acessível para pessoas com mobilidade reduzida, idosos ou pessoas com deficiência.
- Custo: Apreciei o fato de que não precisei gastar dinheiro em transporte ou alimentação para participar do encontro.
- Flexibilidade: Achei conveniente poder participar do encontro em um horário que se adequava à minha agenda, sem precisar me deslocar fisicamente para um local específico.
- Nenhum, não vejo nenhum aspecto positivo no Encontro on Line.

3. O que você mais sentiu como negativo durante o encontro online que acabou de participar?

- Dificuldades técnicas: Encontrei problemas técnicos, como falhas na conexão com a internet, problemas de áudio ou acesso à plataforma.
- Exclusão digital: Notei que algumas pessoas não puderam participar devido à falta de acesso a dispositivos digitais, computadores ou smartphones.
- Interação reduzida: Senti que a falta de interação pessoal prejudicou a construção de relacionamentos e a troca de ideias.
- Falta de ambiente comunitário: Percebi a ausência do senso de pertencimento e identidade que geralmente ocorre em encontros presenciais realizados em espaços comunitários.
- Nenhum
- Outros

III. Formulário Linha de base

1) Como o Mobiliza Satélite lida com as questões de gênero, ou seja, como trata a igualdade entre homens e mulheres e o respeito às diferentes orientações sexuais?

- a) Eu acho que essas questões são bem conversadas e bem cuidadas.
- b) Eu vejo que tem um esforço de refletir sobre elas, mas ainda precisa melhorar um pouco.
- c) Parece que essas questões não são tão consideradas ou ficam meio esquecidas.
- d) Eu não acho que essas questões sejam tratadas tão bem como poderiam.

2) Como você vê o Mobiliza Satélite lidando com as questões de desigualdade social e o impacto delas na vida das pessoas?

- a) Eu acredito que essas questões são bem conversadas e priorizadas na nossa ação.
- b) Acho que tem um esforço, mas ainda dá pra melhorar um pouco mais.
- c) Parece que essas questões não são tão consideradas ou ficam meio esquecidas.
- d) Eu não acho que essas questões sejam tratadas tão bem como poderiam.

3) Como você percebe o entendimento do Mobiliza Satélite sobre as questões raciais e como que isso impacta na vida das pessoas?

- a) Eu acredito que essas questões são bem conversadas e priorizadas na nossa ação.
- b) Acho que tem um esforço, mas ainda dá pra melhorar um pouco mais.
- c) Parece que essas questões não são tão consideradas ou ficam meio esquecidas.
- d) Eu não acho que essas questões sejam tratadas tão bem como poderiam.

4) Como você vê a forma como tomamos decisões?

- a) Temos acordos definidos e conseguimos tomar decisões bem.
- b) Temos acordos mais ou menos definidos, e na maioria das vezes nós conseguimos tomar decisões bem.
- c) Não temos acordos definidos, mas, às vezes, conseguimos tomar decisões bem.
- d) Não temos acordos definidos e não conseguimos tomar decisões bem.

5) Como você vê a forma como dividimos as responsabilidades no nosso grupo?

- a) Sempre fazemos isso de maneira que funciona.
- b) Na maioria das vezes nós conseguimos dividir as responsabilidades de maneira que funciona.

- c) Às vezes acontece, mas é raro que a gente faça isso de maneira que funcione.
- d) Não conseguimos fazer isso da maneira que funciona.

6) Como você vê as reuniões do nosso grupo? Elas são produtivas e dão chances para todo mundo falar?

- a) Sim, as reuniões são muito boas, produtivas e todas as pessoas tem chance de falar.
- b) Na maioria das vezes são bem produtivas e todas as pessoas expressam suas opiniões.
- c) Raramente as reuniões são produtivas e todas as pessoas tem chance de falar.
- d) As reuniões nunca são boas e não tem oportunidade das pessoas se expressarem.

7) A comunidade se engaja e participa nas atividades do coletivo?

- a) Sim, a comunidade participa plenamente.
- b) Em sua maioria, a comunidade participa nas atividades.
- c) É rara a participação efetiva da comunidade.
- d) A comunidade nunca se envolve nas atividades do coletivo.

8) O Mobiliza Satélite vem transformando o território através da influência em políticas públicas?

- a) Sim, conseguimos fazer uma grande diferença!
- b) Geralmente, conseguimos ter um impacto positivo.
- c) Às vezes acontece, mas não é comum termos um grande impacto.
- d) Nunca conseguimos ter um grande impacto.

9) O Mobiliza Satélite possui orientações explícitas e organizadas sobre como mobilizar e influenciar políticas públicas?

- a) Sim! Temos orientações coletivas muito explícitas e que funcionam.
- b) Temos algumas orientações coletivas e que funcionam.
- c) Às vezes acontece, mas não é comum as orientações serem explícitas e organizadas.
- d) Não acho que temos orientações explícitas e organizadas para mobilizar e influenciar políticas públicas.

Com base nas respostas individuais, tivemos o seguinte resultado do formulário da linha de base do projeto ao final do projeto, que indicam como o coletivo se auto-avalia nas questões a seguir.

Perguntas	Início Projeto (dez/23)	Final Projeto (set/24)
1) Como o Mobiliza Satélite lida com as questões de gênero, ou seja, como trata a igualdade entre homens e mulheres e o respeito às diferentes orientações sexuais?	Ótimo	Ótimo
2) Como você vê o Mobiliza Satélite lidando com as questões de desigualdade social e o impacto delas na vida das pessoas?	Ótimo	Excelente
3) Como você percebe o entendimento do Mobiliza Satélite sobre as questões raciais e como que isso impacta na vida das pessoas?	Ótimo	Ótimo
4) Como você vê a forma como tomamos decisões?	Ótimo	Ótimo
5) Como você vê a forma como dividimos as responsabilidades no nosso grupo?	Ótimo	Bom
6) Como você vê as reuniões do nosso grupo? Elas são produtivas e dão chances para todo mundo falar?	Ótimo	Ótimo
7) A comunidade se engaja e participa nas atividades do coletivo?	Ótimo	Ótimo

8) O Mobiliza Satélite vem transformando o território através da influência em políticas públicas?	Bom	Bom
9) O Mobiliza Satélite possui orientações explícitas e organizadas sobre como mobilizar e influenciar políticas públicas?	Bom	Ótimo

7. Aprendizados do Comunidade Mobilizada

Considerando o período de novembro de 2023 a setembro de 2024, apresentamos a seguir pontos de aprendizados levantados pela equipe executora do projeto, que entendemos que podem ser considerados na ideação de novos projetos de assessoria a coletivos em mobilização social.

Para o levantamento dessas impressões e aprendizados, analisamos as avaliações que a equipe do projeto realizou após cada um dos encontros online e presenciais realizados. Com base nesta análise, elencamos algumas categorias para sistematizar os aprendizados do projeto, a saber:

- **Planejamento Inicial**
- **Participação nos encontros**
- **Autogestão e Tomadas de Decisão**
- **Fortalecimento de Redes: visitas a coletivos e discussões sobre raça, gênero e classe**
- **CNV - Comunicação não violenta**
- **Reflexões sobre o papel da assessoria**
- **Desafios da Mobilização Territorial e as Diferenças entre Organizações**

A. Planejamento Inicial

Co-criar com o grupo antes do início do projeto foi positivo, o que se concretizou na elaboração da “Trilha do Comunidade Mobilizada”, um documento que definiu os referenciais teóricos e práticos para pensar a programação dos encontros. Essa trilha foi validada com o coletivo, demonstrando que

o planejamento inicial se baseou nas necessidades do grupo e teve um caráter participativo.

B. Participação nos encontros

O coletivo enfrentou dificuldades para manter a frequência quinzenal dos encontros, proposta por eles mesmos, devido a compromissos de trabalho, questões pessoais e atividades de mobilização realizadas pelo grupo. Como o tempo dos membros é limitado e todas as atividades são realizadas de forma voluntária, conciliar a formação com outras atividades foi desafiador. Isso levou a necessidade de reagendamento de alguns encontros e à ausência de alguns participantes.

Os encontros foram realizados tanto presencialmente quanto online, na expectativa de garantir uma participação mais ampla do coletivo. No entanto, apesar dessa abordagem, não foi possível encontrar horários em que todos pudessem participar. Contudo, as avaliações feitas ao final de cada encontro, seja online ou presencial, mostraram que todos foram bem avaliados pelos participantes.

Portanto, a frequência quinzenal inicialmente proposta revelou-se desafiadora por conta dos compromissos diversos dos integrantes. A procura por um espaço público adequado para as reuniões também foi problemática, após a impossibilidade de continuar usando o local previamente disponível.

A solução de usar a casa de uma das participantes permitiu a realização dos encontros. Era um espaço agradável e confortável mas, em determinados momentos, a presença de pessoas não participantes causava distrações e afetava a concentração. Também foi tentada a parceria com outros espaços públicos, mas sem sucesso.

Concluimos que os encontros presenciais são essenciais para fortalecer o sentimento de pertencimento, algo que ansiamos profundamente na sociedade atual, e para estreitar os laços entre os membros do coletivo.

Embora encontros online tenham sido realizados, é importante avaliar sua real necessidade, pois nem todos os participantes dispõem de uma conexão à internet adequada ou de equipamentos como notebooks, que proporcionam mais conforto durante esses encontros. A maioria dos participantes acaba acessando através de smartphones.

Além disso, devido ao coletivo ter uma interação principalmente virtual no dia-a-dia, os encontros presenciais garantiam maior interação e aproximação entre as pessoas do grupo, intensificando as relações interpessoais.

C. Autogestão e Tomadas de Decisão

A implementação da autogestão no coletivo apresentou diversos desafios. A necessidade de adaptar os conceitos à realidade do grupo foi um dos primeiros obstáculos. Apesar da apresentação de uma metodologia para a aplicação da autogestão, a necessidade de trabalhar outros conteúdos limitou o aprofundamento do tema. Conseqüentemente, o grupo encontrou dificuldades em aplicar a metodologia de forma eficiente.

Durante os encontros, observou-se que o grupo se sentia mais confortável tomando decisões presencialmente. No entanto, devido a dificuldades pessoais, as reuniões presenciais do coletivo se tornaram menos frequentes, concentrando a tomada de decisão em membros com maior disponibilidade de tempo e facilidade de acompanhar as discussões virtuais.

Apesar dos desafios, o grupo conseguiu avançar na definição da divisão de tarefas a partir da criação de papéis específicos para cada membro, alinhando-os de acordo com suas habilidades e interesses. Além disso, foram criadas alternativas para encontros presenciais, visando fortalecer os vínculos entre os membros.

Sendo um coletivo autônomo, voluntário e recente, acreditamos que este processo proporcionou que os participantes tivessem acesso a debates que não tinham em outros momentos, apresentando para eles diferentes possibilidades para que, com sua autonomia, possam continuar construindo metodologias e se apropriando de conceitos que fortaleçam suas ações e organização interna.

Nesta experiência, observamos como é fundamental a presença de pessoas dispostas a liderar o grupo, compreendendo os obstáculos enfrentados por seus membros devido ao contexto de vida pessoal. No entanto, indicamos, como aprendizado para projetos futuros, ter um olhar atento ao desenvolvimento de outras lideranças dentro do grupo, para evitar a centralização e promover um processo de compartilhamento de autoridade e poder.

Isto é, reconhecer as lideranças existentes e trabalhar em conjunto para promover a participação e o desenvolvimento de um modelo de liderança mais horizontal e compartilhado, onde todos, independentemente das dificuldades encontradas, possam ser parte dos processos, é essencial para a construção de um coletivo forte e autônomo.

Para que as metodologias de organização sejam efetivamente implementadas, acreditamos ser crucial uma análise aprofundada das dinâmicas de decisão do grupo. Embora esse aspecto tenha sido inicialmente identificado pela equipe do Projeto, reconhecemos que não foi plenamente integrado à nossa metodologia. Portanto, para futuras edições, recomenda-se compreender melhor as dinâmicas de poder e decisão dentro do grupo, buscando desenvolver ações ou atividades que abordem esse aspecto. Esse é um dos pontos essenciais a serem observados, e a metodologia deve ser flexível e adaptável às particularidades e necessidades reais do coletivo assessorado.

Outra proposta, elaborada após a experiência desta assessoria, seria a de incluir a escolha de uma ou duas pessoas para liderar o processo de implementação da autogestão internamente. Essas pessoas estariam comprometidas em inspirar e motivar os membros a assumirem a responsabilidade pela gestão autônoma, garantindo que a metodologia seja aplicada de maneira eficaz e alinhada às necessidades do grupo.

A comunicação interna do grupo também merece atenção, visto que o uso do WhatsApp tem seus benefícios e malefícios, podendo dificultar ou ajudar na organização e na gestão de tempo e presença dos membros. Isto é, faz-se necessário avaliar constantemente se as decisões assíncronas estão sendo efetivas e não prejudicando o relacionamento do grupo. O contato presencial se mostrou muito necessário para fortalecimento do vínculo entre as pessoas participantes.

E por fim, a definição clara de papéis, proposta pela autogestão foi muito citada pelo coletivo como tendo ajudado a organizar os processos internos, dando agilidade e autonomia para a atuação das pessoas. Ter nitidez sobre o que cada um tem de responsabilidade trouxe um ganho de ação para o coletivo.

Contudo, percebemos que é necessário avaliar constantemente essa divisão dos papéis, inclusive porque a disponibilidade das pessoas para se dedicar às tarefas do coletivo é muito dinâmica, já que é uma atuação voluntária. Assim, é necessário que o grupo esteja em constante contato para poder fazer os remanejamentos necessários das atividades, devido às disponibilidades das pessoas.

D. Fortalecimento de Redes: visitas a coletivos e discussões sobre raça, gênero e classe

As visitas a outros coletivos, como a Casa de Cultura Tainã, o Centro de Referência Quilombo Urbano OMG e o Movimento Mandela Resiste, desempenharam um papel crucial no projeto. Esses encontros foram fundamentais para ampliar o conhecimento sobre a mobilização social, fortalecer a rede de contatos e promover a troca de experiências entre grupos, discutindo questões vitais como gênero, raça e classe.

Essas visitas ajudaram a enriquecer o debate sobre essas questões, e ficou evidente que discussões tão profundas necessitam de constante atualização, inclusive devido à constante mudança de perspectivas conjunturais e de novos elementos que são inseridos nas discussões desses temas. Entrevistas individuais com os participantes confirmaram a importância de conhecer outras organizações e adquirir novas percepções sobre como as coisas podem ser feitas de maneira diferente pelo Coletivo.

Para aprimorar o trabalho futuro de assessoria, sugere-se a realização de encontros preparatórios com especialistas, antes das visitas aos coletivos. Esses encontros permitiriam o aprofundamento do conhecimento sobre as temáticas de raça, gênero e classe, fornecendo subsídios importantes aos participantes, considerando a vasta experiência e a trajetória de luta dos coletivos visitados.

Além disso, ficou clara a importância de manter o fortalecimento da rede de contatos de maneira constante. Quando os coletivos trabalham isoladamente, eles se fragilizam; a união, por outro lado, promove uma troca de experiências mais rica e produtiva.

Enfatizamos que o fortalecimento contínuo da rede é essencial para evitar a segregação e para garantir o desenvolvimento e a sustentabilidade do Mobiliza Satélite. Projetos e iniciativas que incentivam o encontro entre diferentes grupos e coletivos são altamente benéficos. Numa futura edição do “Comunidade Mobilizada”, refletimos que a participação de diversos grupos juntos na formação, ao invés de um só, poderia estreitar os laços e aumentar o contato, muitas vezes inexistente, entre os coletivos.

Convidar ativistas e mobilizadores para essas experiências foi uma estratégia acertada, pois trouxe novas perspectivas, referências e motivação ao Mobiliza Satélite. As relações construídas e as trocas de experiência nessas visitas destacaram a necessidade de fortalecer a rede de apoio ao

Mobiliza Satélite, fomentando conexões com coletivos e grupos que compartilham histórias e experiências semelhantes.

E. CNV - Comunicação Não Violenta

Nos encontros do coletivo, os espaços de fala frequentemente resultaram no compartilhamento das histórias pessoais, o que pode proporcionar dúvidas entre a importância das falas pessoais e as discussões sobre as ações coletivas de mobilização. A CNV traz um convite para as pessoas reformularem como pensam e vivem o mundo; assim, mesmo quando trazem histórias pessoais, estão vivenciando um aprendizado sobre empatia, conexão e cooperação que reverberará em todas as esferas de sua vida, inclusive no espaço de construção do coletivo.

Mesmo considerando essa relação, concluímos que seria importante criar mecanismos que garantam que esses momentos sejam utilizados para o desenvolvimento de reflexões e ações coletivas. Isso poderia manter o grupo concentrado em seus objetivos comuns.

Com o constante silenciamento ocasionado pelas opressões da nossa sociedade, a falta de espaços de fala e escuta e a precariedade do debate sobre saúde mental e de acesso à serviços especializados, espaços como esses podem ser tomados pela necessidade de expor as dores constantemente negligenciadas. Por isso, é importante reforçar momentos de encontro presencial e de fortalecimento de vínculos entre os membros do grupo para que possam, de forma conjunta, se apoiarem, criando também maior senso de comunidade a partir da empatia.

A Comunicação Não Violenta (CNV) emergiu como uma prática poderosa para a resolução de conflitos e a construção de um ambiente de diálogo mais saudável e empático. No entanto, a assimilação da CNV em espaços de escuta revelou-se desafiadora, frequentemente devido à falta de prática com a vivência e à necessidade de desenvolver habilidades para aplicá-la em situações complexas e emocionalmente carregadas.

Por isso, é importante que este processo seja feito de forma cautelosa e constante. A equipe do projeto esteve atenta para criar um ambiente de escuta e diálogo que respeitasse as falas e as necessidades de todos os participantes. Indicamos, contudo, que seria importante que o Coletivo continuasse oportunizando debates e aprendizados sobre a CNV com frequência, para maior assimilação.

A CNV pode também contribuir significativamente para o desenvolvimento do autoconhecimento e da autogestão emocional do Mobiliza Satélite, permitindo que os membros se conectem melhor com seus próprios sentimentos e necessidades. Isso facilita o manejo dos conflitos de maneira mais construtiva e pacífica. Portanto, além de focar em histórias pessoais, os processos devem incluir o fortalecimento dessas habilidades para potencializar o trabalho coletivo e individual dentro do grupo.

F. Reflexões sobre o papel da assessoria

O cenário atual, marcado pela desmobilização e pela piora da qualidade de vida da população, dificulta o processo de mobilização e organização coletiva. A falta de apoio externo impede um aprofundamento nos assuntos, tornando as ações mais complexas e onerosas.

A sustentabilidade da mobilização coletiva depende de diversos apoios: orientação jurídica, como exemplificado pelo Encontro com o Coletivo Mandela Resiste, conhecimento acadêmico, evidenciado pela trajetória da Casa de Cultura Tainã e da Casa de Cultura Fazenda Roseira, e o apoio de outros movimentos e redes de solidariedade são fundamentais para o sucesso das iniciativas. Esses exemplos demonstram o impacto crucial de um suporte adicional na mobilização.

Neste sentido, o Comunidade Mobilizada buscou apresentar e articular conhecimentos que possam fortalecer a atuação do coletivo que, por si só, é complexa e difícil. Além disso, é fundamental reconhecer e abordar essa necessidade de apoio às preocupações cotidianas dos membros do grupo. Isso inclui auxiliar na organização dos horários dos encontros e fornecer recursos facilitadores, como café da manhã nos encontros presenciais, para assegurar uma participação mais efetiva.

A equipe do projeto deve manter uma postura ética e transparente, evitando a imposição de modelos pré-definidos e respeitando a autonomia do coletivo assessorado. Isso significa escutar atentamente e aprender com as experiências do grupo, adaptando as práticas de assessoria às demandas específicas deles.

Além disso, a equipe enfrenta o desafio de encontrar um equilíbrio entre o respeito à autonomia do grupo e a intervenção. É crucial apoiar o desenvolvimento do grupo sem impor ideias ou decisões, garantindo que as soluções e avanços emergam organicamente das próprias dinâmicas do coletivo. Esse apoio cuidadoso e adaptativo pode fazer toda a diferença em um ambiente político e social adverso.

G. Desafios da Mobilização Territorial e as Diferenças entre Organizações

A mobilização popular desempenha um papel crucial na promoção de transformações sociais e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. No entanto, as demandas cotidianas, como a falta de tempo e a sobrecarga de trabalho, frequentemente impedem a participação ativa das pessoas nos movimentos coletivos, ainda mais por se tratar de uma ação voluntária. Para enfrentar esses desafios, podem ser implementadas soluções financeiras, como bolsas ativistas ou a criação de fundos semente para apoiar atividades coletivas.

Compreender como as diferentes coletividades se organizam é essencial para identificar suas necessidades, dinâmicas e desafios. Esse entendimento é vital, pois a transferência de metodologias deve considerar as especificidades de contexto, estrutura e necessidades únicas de cada movimento popular.

É igualmente importante que a equipe saiba distinguir entre a estrutura de uma organização formal e a de um movimento popular. Organizações formalizadas geralmente dispõem de mais recursos e equipes profissionais contratadas, o que define claramente as cargas de trabalho. Em contrapartida, os movimentos populares, que funcionam com base no voluntariado, não podem contar com a mesma previsão de dedicação, o que pode levar a conflitos e exigências entre seus membros.

Outro desafio é a inconsistência na participação, onde algumas pessoas não assumem seus papéis ou agem sem planejamento adequado. Consideramos que é mais produtivo não focar numa responsabilização dos indivíduos por isso, mas sim nas condições que permitem ou dificultam a mobilização, tentando sempre encontrar saídas para garantir que a maioria consiga se fazer presente ou, ao menos, consigam compreender a dinâmica do grupo e de suas ações. É importante aprender a aceitar e valorizar o que cada um pode contribuir, respeitando as limitações e disponibilidades de cada participante.

Além disso, a questão dos recursos e da autonomia financeira é crucial. A equipe evitou replicar uma lógica de dependência que caracteriza muitas interações entre organizações formais e movimentos populares. Buscamos promover a autonomia e o fortalecimento financeiro do coletivo, assegurando que ele mantivesse seu caráter independente e empoderado.

Um dos resultados planejados para o projeto foi a elaboração de um documento que descrevesse o “jeito” de mobilizar do coletivo, chamado informalmente de “bora a bora”. Percebeu-se que a dinâmica do grupo privilegia decisões práticas, sem necessariamente seguir um planejamento mais abrangente ou estratégico. As necessidades da comunidade são identificadas pelos participantes em seus contatos diários com o território, levando a ações que pressionam o poder público, frequentemente por meio de protocolos formais.

Para ajudar na disseminação dessas estratégias, foi criada uma cartilha que detalha as principais formas de mobilização por pautas de interesse público. O objetivo é que o Mobiliza Satélite compartilhe essas estratégias, promovendo a autonomia da população para se mobilizar de forma independente, compartilhando também a responsabilidade em tornar o território um ambiente bom para todas as pessoas.

H. Conclusão

A análise do projeto “Comunidade Mobilizada” revela a importância de uma abordagem participativa e adaptativa no fortalecimento de coletivos sociais. A co-criação da “Trilha do Comunidade Mobilizada” foi um passo fundamental que garantiu que as atividades estivessem alinhadas às necessidades reais dos participantes, promovendo um ambiente de colaboração desde o início.

Entretanto, os desafios enfrentados ao longo do caminho, como a dificuldade em manter a frequência dos encontros e a necessidade de adaptar horários e locais, evidenciam as limitações impostas pelas obrigações pessoais e profissionais de um grupo atuante predominantemente de forma voluntária.

Além disso, a experiência do projeto foi um constante processo de aprendizagem, tanto para o grupo quanto para a Minha Campinas, trazendo desafios e lições valiosas que são essenciais para o aprimoramento da assessoria e o desenvolvimento de novos projetos que fortaleçam coletivos que atuam com mobilização popular.

A elaboração deste “Caderno de Aprendizados do Comunidade Mobilizada” é um passo importante nesse processo, oferecendo um panorama da experiência e facilitando a compreensão dos desafios enfrentados e das aprendizagens adquiridas, as quais podem ser aplicadas para fortalecer outras iniciativas de mobilização social.

As visitas a outros coletivos e os debates sobre temas como raça, gênero e classe social foram essenciais para expandir horizontes e trocar experiências. O desejo de aprofundar essas discussões com especialistas e o fortalecimento contínuo das redes de contato são fundamentais para potencializar a ação do Mobiliza Satélite e evitar sua fragilização.

A análise das avaliações aponta que o projeto “Comunidade Mobilizada” desempenhou um papel crucial na evolução do Mobiliza Satélite, destacando a necessidade contínua de aprendizado a partir das experiências enfrentadas. É fundamental ressaltar a importância da escuta ativa, do respeito pela autonomia do grupo, do fortalecimento das redes de apoio e do desenvolvimento de lideranças dentro do coletivo.

A implementação da autogestão se revelou desafiadora, ressaltando a necessidade de desenvolver lideranças múltiplas para garantir um modelo mais equilibrado e menos centralizado, com uma análise constante das reais necessidades e modelos para o grupo.

A aplicação da Comunicação Não Violenta (CNV) foi destacada como uma vivência valiosa, mas sua integração requer prática e um ambiente propício que incentive a escuta e o diálogo. A CNV emergiu como um componente essencial para resolver conflitos e construir um ambiente mais empático e humano, elementos-chave para o sucesso do projeto e o desenvolvimento do Mobiliza Satélite.

Em resumo, a assessoria provou ser fundamental, oferecendo um suporte transparente e alinhado às necessidades do grupo, sem impor modelos externos. Em um contexto político adverso e de desmobilização social, fortalecer a mobilização popular torna-se ainda mais crucial. O projeto “Comunidade Mobilizada” demonstrou a importância da flexibilidade, da escuta ativa e da construção de redes colaborativas para que coletivos como o Mobiliza Satélite atuem efetivamente na transformação de suas comunidades.

8. Referências

Advocacia Digital. **O que é Autogestão?** Publicado por Advocacia Digital. [S. l.], 2021.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GVGkasu80QU> Acesso em: 26 set 2024.

AUTOR UNIVESP. **A narrativa autobiográfica Univesp.** Publicado por TV Univesp. [S. l.], 2020.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FG1ztY7jNGo> Acesso em: 26 set 2024. Vídeo (Online).

ENAP - Escola Nacional de Administração Pública. **Políticas Públicas e Participação**. Módulo 4. Brasília: 2018.

Disponível em: https://repositorio.ena.gov.br/bitstream/1/3842/1/PP-GL_M%C3%B3dulo%204%20-%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas%20e%20Participa%C3%A7%C3%A3o.pdf Acesso em: 26 set 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996; 25. ed. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B3sNzeJIDmw5Zi11QjZhNDBPOTA/view?usp=sharing&resourcetype=0-vX4m_7O7CgllmtzVpt7fTg Acesso em: 26 set 2024.

JARA HOLLIDAY, O. **Para sistematizar experiências**. Tradução de Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. Brasília: MMA, 2006. 128 p. (Série Monitoramento e Avaliação, 2).

Disponível em: <http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/oscar-jara-para-sistematizar-experic3aancias1.pdf>

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). Caderno de formação, n. 38: **Método de trabalho de base e organização popular**. Diagramação: Secretaria Nacional MST.

Disponível em: <https://mst.org.br/download/caderno-de-formacao-no-38-metodo-de-trabalho-de-base-e-organizacao-popular/>

NASCIMENTO, C. **A Autogestão Comunal**. Marília: Lutas Anticapital, 2020. 2.ed. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1r2UKylbDenKllbtLw-zCCaKEaFVR0ce3o/view?usp=sharing> Acesso em: 26 set 2024.

NASCIMENTO, C. **Autogestão: Economia Solidária e Utopia**. In: OTRA ECONOMÍA. Volumen II - No 3 - 2o semestre. [S.l.], 2008. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1OwJ6mzhic3SdDP-g5CzjztkHaX3iwFqQ/view?usp=sharing> Acesso em: 26 set 2024.

RIBEIRO, N.M. **Histórias cruzadas de professores: memórias de letramento e de práticas pedagógicas em escolas rurais**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação. 2014. 361 f. Tese (Doutorado).

Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/136RPfVSGdMOWVDxtXAZqqN6LZY5z-6NS/view> Acesso em: 26 set 2024.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** São Paulo: Editora Ágora, 2003. 2. ed.

Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B1ldWN2Dzl8KUHFPLUp-CMVZpeFE/view?resourcekey=0-gKr1I5_GqO0ZuwnPKLaa5A Acesso em: 26 set 2024

SOYPORTI. **A Prática da Autogestão.** Publicado por: Soyporti. [S.l.]

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ln4tlRVIJ-Q> Acesso em: 26 set 2024. Vídeo (Online).

TARGETTEAL. (2023). **O que é autogestão?** [Blog].

Disponível em: <https://targetteal.com/pt/blog/o-que-e-autogestao> Acesso em: 26 set 2024.



Projeto

**Comunidade
Mobilizada**

Realização

— *minha* —
CAMPINAS



Apoio

**fundação
feac**